

José Eduardo Borges de Pinho

# Ecumenismo: Situação e perspectivas



UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA  
LISBOA 2011

# Índice

Introdução	11
Capítulo Um	
O que é o ecumenismo?	15
Sentido da palavra “ecuménico”	15
De uma perspectiva polémica-apologética à atitude ecuménica	19
Pressupostos fundamentais de uma atitude ecuménica	23
A realidade do Cristianismo no presente – alguns dados	28
Capítulo Dois	
O Movimento Ecuménico – marcos mais significativos	33
Origens do movimento ecuménico	33
O movimento ecuménico no século XX – a importância do CEI	36

Outros processos e acontecimentos de relevo no século XX	43
Capítulo Três	
<b>Igreja católica e ecumenismo</b> – o significado do Concílio Vaticano II	47
De uma atitude de recusa e reserva à progressiva abertura ao ecumenismo	47
A importância ecuménica do Concílio Vaticano II	51
Os principais aspectos do Decreto sobre o Ecumenismo	56
Capítulo Quatro	
<b>O diálogo teológico ecuménico</b> – balanço de um caminho percorrido	67
A amplitude e a importância do diálogo teológico	67
O diálogo teológico entre as principais Igrejas cristãs	71
Capítulo Cinco	
<b>A questão eclesiológica</b> no centro do debate ecuménico	91
A questão ecuménica da verdadeira Igreja e a identidade católica	91

A novidade da perspectiva conciliar nesta matéria	94
A recepção do “subsistit in” no espaço católico	97
O debate sobre a natureza teológica e a configuração estrutural da Igreja	101

#### Capítulo Seis

<b>A unidade da Igreja a realizar na história</b>	
– A questão dos “modelos” da Igreja una	109
Uma unidade visível, necessária e suficiente	109
A reflexão sobre os “modelos” da unidade	111
Desafios para o futuro	115

#### Capítulo Sete

<b>O ecumenismo como interpelação e tarefa</b>	
– Para uma hermenêutica da confiança e do diálogo	119
A consciência da irreversibilidade e da prioridade da tarefa ecuménica	119
A necessidade de uma hermenêutica da confiança e do diálogo	122
A centralidade do ecumenismo espiritual	125
A busca de fidelidade à acção criativa do Espírito	127
A valorização do diálogo teológico e sua recepção	128

A necessidade de um discernimento à luz da “hierarquia das verdades”	131
A escuta atenta do <i>sensus fidei</i>	134
O ecumenismo de vida em ordem a um testemunho cristão comum	136
Abrir-se ao futuro no realismo da esperança cristã	138
<b>Conclusão – E o ecumenismo em Portugal?</b>	<b>141</b>
<b>Notas ao texto</b>	<b>147</b>
<b>Bibliografia Sumária</b>	<b>149</b>

## Introdução

A fé cristã professa, como elemento essencial da sua identidade, a unidade da Igreja de Jesus Cristo: “Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica.” Com esta formulação do Credo de Niceia-Constantinopla (381) afirmam as principais Igrejas e Comunidades eclesiais que a sua fé no Deus Trino se traduz na realidade da Igreja, comunidade visível de crentes que procuram viver na fé, na esperança e no amor o seguimento de Jesus ao longo dos tempos.

Nesta afirmação do Credo a Igreja é colocada em relação com o Espírito Santo e sua acção na história. A unidade da Igreja aparece assim, simultaneamente, como dom ligado ao agir salvífico de Deus, que quer construir uma nova humanidade na verdade, na justiça, no amor e na paz, e como tarefa a cumprir pela fidelidade dos crentes, interpelados a “manter a unidade do Espírito, mediante o vínculo da paz. Há um só Corpo e um só Espírito, assim como a vossa vocação vos chamou a uma só esperança; um só Senhor, uma só fé, um só baptismo; um só Deus e Pai de todos, que

reina sobre todos, age por todos e permanece em todos” (Ef 4, 3-6).

Desde o início, a história do Cristianismo, modelada por pessoas em busca de fidelidade a Deus mas sempre também sujeitas a falhas e pecados, apresenta-se marcada por tensões e divisões, algumas delas tornadas irreversíveis e configurando o rosto actual da cristandade. O Evangelho de Jesus não nos é transmitido no mundo de hoje por cristãos que professam em comum o essencial da mesma fé, mas por cristãos divididos entre si, separados uns dos outros. Diferenças na compreensão da fé, sobretudo concepções diversas acerca da Igreja e da sua unidade, dos sacramentos e dos ministérios, continuam a impedir a realização de uma unidade visível e, de modo particular, a celebração comum da eucaristia. Uma realidade que, contrastando com a sua confissão de fé, interpela os cristãos a uma atitude ecuménica na busca de comunhão e unidade, em ordem a um testemunho crível da mensagem salvífica do Evangelho a favor da humanidade.

O presente texto parte da consciência de que a tarefa de contribuir, cada um a seu modo e dentro do seu âmbito de responsabilidade, para a unidade da Igreja de Jesus Cristo na história é dever irrenunciável e tarefa prioritária dos cristãos e das Igrejas no seu conjunto. O facto de, no nosso país, a Igreja católica ser amplamente maioritária não diminui, antes reforça a necessidade de aprofundar o tema ecuménico. Depois do Concílio Vaticano II e na fidelidade ao que a consciência eclesial nos indica através do magistério, não se pode viver com fidelidade a identidade católica sem uma atenção particular ao problema ecuménico.

Nessa perspectiva procura-se, ao longo destas páginas, oferecer dados informativos básicos, elementos de reflexão e aspectos do problema ecuménico que o tornem mais perceptível ao comum dos cristãos. Este trabalho destina-se primordialmente ao cristão interessado nas questões que preocupam a vida da Igreja no nosso tempo, mas pode também ser útil a quem procure conhecer melhor uma das realidades que mais marcou a evolução do Cristianismo nos últimos 150/200 anos. De facto, a aproximação ecuménica – superando uma mentalidade secular de animosidade confessional – constitui, em termos de história do Cristianismo, um dos traços marcantes do século XX, de modo semelhante ao que poderá significar o século XXI para o diálogo inter-religioso.

Neste estudo começa-se por aprofundar o que se pretende dizer quando se fala de ecumenismo, um aspecto que é complementado num segundo capítulo dedicado à história do movimento ecuménico moderno. O terceiro capítulo concentra-se, em termos de evolução histórica e de posicionamento actual, na atitude da Igreja católica face à questão ecuménica. De seguida, apresenta-se uma síntese dos principais resultados do diálogo teológico pós-conciliar entre a Igreja católica e as principais Comunhões cristãs. Na sequência desta análise, o capítulo quinto aprofunda a questão eclesiológica como ponto nuclear da discussão ecuménica no presente, tema que nos conduz directamente – capítulo sexto – ao tema do modelo de unidade a realizar. Feito este percurso, trata-se de apontar tarefas e prioridades que se apresentam na actual



situação. As páginas conclusivas são dedicadas a uma breve referência ao ecumenismo em Portugal.

Precisamente tendo em conta o contexto português, fez-se uma opção de ordem terminológica: fala-se de “Igreja católica”, e não de “Igreja católica romana”, como é habitual no âmbito ecuménico e corresponde melhor à sensibilidade das outras Igrejas e Comunidades eclesiais. Com essa opção teve-se também em conta que a Igreja católica não se considera a si mesma simplesmente como uma “Confissão” cristã entre outras.

O diálogo ecuménico nunca foi fácil, mas parece viver-se na actualidade uma fase menos determinada, nalguns aspectos marcada até por algum cepticismo. Não se verificam só sinais de aproximação ecuménica, mas existem também tendências e riscos de novos afastamentos. A convicção ecuménica brota radicalmente da esperança cristã, não se baseia na simples confiança nas nossas próprias forças. A unidade da Igreja que será possível realizar na história depende do grau de fidelidade que tivermos, mas só o Espírito Santo a poderá levar à sua realização e pelos caminhos e modos que só Deus conhece.